

O SENTIDO SOCIAL DO ARRANJO E AMBIÊNCIA EM AMANÃ

Thatyana de Souza Marques

Pesquisadora do grupo de pesquisa social Organização Social e Manejo Participativo do IDSM;
doutoranda da Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM
thatyana@mamiraua.org.br

Apresentação

Esta pesquisa tem como objetivo compreender os elementos e condições para que um espaço arquitetônico adquira o *status* de lar. Inicialmente, tinha como foco os objetos que compõem os ambientes da casa. Do ponto de vista arquitetônico, ao conceber uma casa deve-se pensar no que colocar lá dentro, onde e como colocar os objetos que compõe o espaço, além de pensar como os moradores relacionam entre si. Esta perspectiva baseia-se no conceito de arranjo. De acordo com Jean Baudrillard, em *O sistema de objetos*, a estrutura do arranjo revela o aspecto organizacional, pois está relacionada com a disposição e combinação dos objetos de forma a se obter um conjunto funcional capaz de comunicar valores sociais. A estrutura de ambiência compreende o meio pelo qual cores, materiais, forma e textura são combinados no ambiente construído com finalidade de possibilitar o arranjo idealizado. Ela revela o estilo de vida. O projeto arquitetônico é o somatório da investigação – a estrutura do arranjo em conjunto com a estrutura de ambiência, tendo sempre em mente quem irá habitá-la.

Metodologia

Os sujeitos da pesquisa – moradores da localidade Boa Esperança, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA, estado do Amazonas) e a permanência em suas casas, me fizeram ampliar a perspectiva arquitetônica. A Reserva Amanã está localizada na região do interflúvio dos rios Negro e Japurá, e conectada à área da RDS Mamirauá e Parque Nacional do Jaú, formando assim, um enorme bloco de florestas protegidas. O trabalho de campo compreendeu na estada da morada de três grupos domésticos residentes da comunidade Boa Esperança, no uso de

entrevistas gravadas e no registro fotográfico. Observar o contexto no qual está inserido o grupo social foi essencial para definir a estratégia metodológica e constatar que o sentido de estar em casa está relacionado com mais intensidade às relações sociais estabelecidas em torno da casa, e que, de certa forma, convergem para as implicações que a vida em comunidade e as atividades produtivas requerem. Ao invés de usar uma perspectiva funcional da construção, o foco concentrou-se no real significado deste espaço para aqueles que o ocupam. E na medida em que a influência do componente humano prevalece como sendo o centro de valor e a fonte de significado para que o espaço arquitetônico seja considerado uma casa de moradia, este passa a incorporar mais as marcas destas relações sociais do que as marcas de arranjo e ambiência. Portanto, não são, somente, os objetos que remetem ao sentimento de estar em casa, mas, algo que precede.

Resultados

Os elementos que hoje representam o cenário são fruto de uma história de ocupação humana vinculada aos tipos de produção econômica que predominaram na região. A mobilidade na RDS Amanã, até meados dos anos 60, foi uma característica marcante do processo de ocupação da região, resultado de uma economia baseada no extrativismo de produtos naturais que se encontravam dispersos por uma extensa área geográfica. A ocupação humana da região do Lago Amanã ocorreu principalmente nas áreas de terras firmes, onde se situavam as colocações que serviam de base de apoio para aqueles que trabalhavam na extração da seringa, da sorva e na coleta da castanha. Com o declínio da produção econômica centrada no extrativismo vegetal, a partir dos anos 60 do século XX, a ação da Igreja Católica foi decisiva para estimular uma nova configuração do espaço e de uso dos recursos naturais. Esta nova proposta implicava na agregação das famílias: a formação das comunidades (ALENCAR, 2007). No final dos anos 90, ocorrem novas mudanças, passam a ser residentes de uma unidade de conservação. Se antes as atividades eram mais direcionadas para a extração da seringa, da sorva e na coleta da castanha, atualmente os grupos domésticos se identificam como agricultores. É a principal atividade econômica direcionada para a produção e comercialização da farinha de mandioca, além de ser um item essencial de consumo interno do grupo doméstico. A relação histórica com o local e a distância para as áreas agrícolas são o que os moradores justificam para o estabelecimento da casa na comunidade. A existência de uma mobilidade sazonal de indivíduos e, conseqüentemente, suas moradias, caracteriza estes grupos. Ora é devido às atividades produtivas ora é por causa da dinâmica ambiental – as grandes alagações dos rios que alteram a paisagem. Analisando uma determinada casa, a vizinhança mais próxima da casa é formada por pais, filhos ou irmãos, e a mais afastada por compadres e comadres. Forma-se assim, uma vizinhança constituída por descendência, outra por compadrio. A casa e seus objetos funcionam

como mediadores para que tais relações sociais se estabeleçam. Tal mediação ocorre por meio das ações locais “vizinhar” e “agasalhar” que implicam a reciprocidade. O vizinhar possui o sentido de trocar coisas entre as casas, sendo os itens alimentares o principal objeto de troca. Agasalhar é receber e engloba aqueles que não residem próximo à casa, pessoas que são de outras localidades. Em ambos os casos – vizinhar e agasalhar – tratam de questões relacionadas à relação com grupos extradomésticos.

Conclusão

O sentido social do arranjo (a disposição dos objetos na casa e a própria planta-baixa) é possibilitar a interação entre os residentes e não-residentes da casa. Os elementos da ambiência (madeira e folhas de alumínio para cobertura) dão suporte ao arranjo. Eles é que possibilitam a mobilidade e a estabilidade. Mas, o que torna uma casa de moradia para aqueles que a residem é estar inserida neste lugar: o Lago Amanã. “Minha casa é aqui dentro” (depoimento de um dos moradores) resume o sentimento de pertencimento à região, que é o elemento que possibilita que este espaço arquitetônico adquira o status de lar. O equívoco de enfoque cometido, inicialmente, deriva do fato da perspectiva arquitetônica definir e valorizar a arquitetura a partir dos componentes físico-visuais do objeto arquitetônico. A dimensão antropológica ampliou a compreensão do objeto, pois nesta reside aspectos relevantes de sua manifestação. A Antropologia é um dos elementos para a compreensão do edifício, devendo permear a própria teoria da Arquitetura e suas aplicações. Ressalto que a produção de tal conhecimento só foi possível devido ao fato da pesquisa adotar uma visão interdisciplinar, que valorizasse a história e a linguagem local como forma de compreender o objetivo proposto.

Referências

- ALENCAR, Edna Ferreira. **Estudos da ocupação humana e mobilidade geográfica de comunidades rurais da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – RDSA**. Tefé, AM: IDSM. 2007. 118 f. (Relatório interno não publicado)
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo, SP: Perspectiva. 2006. 230 p.